

UM DIZER QUE TEM SUA HISTÓRIA: CARTAS DE AMORES HOMOSSEXUAIS NO SÉCULO XIX

A SAYING THAT HAS ITS OWN HISTORY: SAME-SEX LOVE LETTERS IN THE 19TH CENTURY

Alexandre da Silva ZANELLA¹

Alexandre Sebastião Ferrari SOARES²

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo analisar cartas escritas no século XIX por escritores e escritoras, nas quais emergem discursos homoafetivos. Tomando por base teórico-metodológica a Análise de Discurso franco-brasileira, conforme desenvolvida por Pêcheux ([1975] 2009, [1982] 2010) e Orlandi (2004, 2010, 2012), investigaremos de que modos os sentidos nas cartas revelam – ao tornarem-se públicos – posições de sujeito que escapam às normas dos campos médico, jurídico e religioso da época, os quais condenavam a homossexualidade. Na esteira de Souza (1997), no que tange ao jogo entre público e privado nas cartas – funcionando estas como escrituras do sujeito –, discutiremos como, no âmbito público, discursos sobre as homossexualidades eram censurados e/ou inviabilizados, enquanto no espaço privado das cartas outros sentidos podiam ser produzidos. Nosso gesto analítico volta-se, portanto, à identificação de regularidades das formas de representação das (homo)sexualidades nesses discursos, especialmente considerando que o sujeito homossexual emerge como categoria justamente na segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de discurso. Homossexualidades. Cartas oitocentistas.

¹ Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Instituto Federal do Paraná. *E-mail*: aleszanella@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. *E-mail*: asferraris1901@gmail.com.



ABSTRACT

In this paper, our objective is to analyze letters written by literary figures in the 19th century in which homoaffective discourses emerge. Based on the theoretical and methodological framework of the French-Brazilian Discourse Analysis, as developed by Pêcheux ([1975] 2009, [1982] 2010) and Orlandi (2004, 2010, 2012), we will investigate how the meanings in these letters – when made public – reveal subject positions that escape the norms of the medical, legal, and religious fields of the time, which condemned homosexuality. Following Souza (1997) regarding the interplay between the public and private spheres in letters – with letters functioning as writings of the subject – we will discuss how, in the public range, discourses on homosexualities were censored and/or impossible, while in the private space of letters, other meanings could be produced. Our analytical approach thus focuses on identifying regularities in the forms of representation of (homo)sexualities in these discourses, especially considering that the homosexual subject emerges as a category precisely in the second half of the 19th century.

KEYWORDS

Discourse Analysis. Homosexualities. 19th-century letters.

Introdução: “o dizer tem sua história”³

...e quem diante do amor ousa falar do inferno?
(Charles Baudelaire, “Mulheres malditas”, *As flores do mal*, 1866)

Dizer implica ser e estar sujeito à história. De uma perspectiva do lugar teórico da análise de discurso de base materialista (Pêcheux, Orlandi), a língua é discurso porque é afetada pelas condições históricas de produção do dizer; portanto, os significados do que é dito são sempre determinados por essas condições de produção que possibilitam que certos sentidos – e não outros – se produzam. Trata-se de pontos de amarração dos significantes – os quais correm numa cadeia sem fim – com o que eles podem e devem

³ A expressão é de Orlandi ([1988] 1996).



significar de acordo com as condições ideológicas enquanto “*forças materiais*” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 120) (ou seja, históricas) que permitem uma certa ancoragem. Ainda que o deslizamento de sentido – isto é, que o sentido possa vir a ser outro – esteja sempre no horizonte.

Nessa compreensão de língua-discurso, considera-se, pois, uma espessura histórica que produz sentido e sujeito ao mesmo tempo (Pêcheux, [1975] 2009). De modo que, ao dizer, o sujeito se revela. Ou melhor, constitui-se enquanto sujeito justamente no modo como a história lhe atravessa e atravessa seu dizer.

Para pôr ainda em outras palavras, isso significa que o que se diz produz efeitos de sentido os quais são determinados pelas condições de produção⁴ que possibilitam esse dizer. Neste trabalho, que tem por objetivo investigar as formas do dizer em cartas privadas – posteriormente tornadas públicas – do século XIX, considera-se que a historicidade nas correspondências materializa, no que é dito, a emergência de sentidos de homoafetividade.⁵ E, do enlace da história que determina materialmente os efeitos de sentidos irrompe também, simultaneamente, o sujeito, uma vez que, como vimos – e como bem formula Orlandi (2010) –, sujeito, língua e história se constroem mutuamente.

A história das homossexualidades no mundo ocidental galga movimentos complexos e, de nossa posição teórica, podemos capturar pontos de saber

⁴ De acordo com Pêcheux ([1975] 2009, p. 125), ao dizer das condições de produção, estamos dizendo das “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção”. Para o autor, as condições de produção que determinam os efeitos de sentidos se dão no embate histórico da luta de classes. Isso representa um ponto fundamental da teoria discursiva de Pêcheux, uma vez que retoma uma formulação althusseriana de que a ideologia tem base material.

⁵ Este trabalho deriva de pesquisas outras desenvolvidas enquanto integrante do Grupo Arquivos de Língua (GAL), da Universidade Federal Fluminense.



sobre esta questão por meio do discurso⁶. O discurso é campo de disputas: do dito em relação ao não dito, do dito em relação ao que poderia ser dito, mas não é etc. (Orlandi, *ibid.*).

As cartas, por sua vez, são lugares de escritura do sujeito. De acordo com Souza (1997), no campo do privado, são lugares de confiança; no campo do público, tornam-se confissões⁷. Esses planos enunciativos concorrem na revelação do sujeito. E, em se tratando de homoafetividade, este batimento é fundamental para se compreender as possibilidades de o sujeito dizer de si. Escrever, nas cartas, portanto torna-se *escrever-se*.

O século XIX é um marco nas enunciações sobre a homossexualidade porque é nele que a categoria de sujeito homossexual surge. Atribui-se a Westphal, em 1870, a fundação da denominação⁸ “homossexualidade”. De acordo com Foucault ([1976] 2015, p. 48, negritos nossos):

a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as ‘sensações sexuais contrárias’ pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma **certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino.**

⁶ Ver Zanella, 2017.

⁷ Não faremos aqui uma retomada histórica a respeito da confissão enquanto prática ao longo dos séculos. Entretanto, valemo-nos dos estudos de Souza (1997) para compreender a confissão nos movimentos sociais de afirmação da homossexualidade do século XX como lugar de afirmação de um sujeito em um espaço público (ao invés do lugar restrito do confessionário e da relação pecador-padre); compreende-se a confissão, portanto, no seu valor simbólico de afirmação (algo que já comparecia, aliás, no cristianismo primitivo).

⁸ O processo de denominação é capaz de estabelecer uma referência, uma designação, de forma a tornar visível aquilo a que se refere, de forma a dar existência àquilo que se nomeia. Em contrapartida, sentidos se colam como se houvesse uma relação sempre já-lá estabelecida entre a palavra e a coisa (Ferrari & Medeiros, 2012, p. 84).



Nota-se que a homossexualidade, em seu surgimento, toca na questão da ‘sensibilidade’, isto é, na questão do afeto, mais do que na questão sexual propriamente dita. A respeito da denominação, Robb (2012) e Quinalha (2022) afirmam que “*Homosexualität*” – “homossexualidade” – comparece dois anos antes, em 1868, ao mesmo tempo em que “*Heterosexualität*” – “heterossexualidade”. O termo foi cunhado por Karl-Maria Benkert (posteriormente conhecido por Karl Kertbeny) – um jornalista e ativista de direitos humanos austro-húngaro – a partir do hibridismo do grego (*homo*, mesmo) e do latim (*sex*). Ainda com Robb (*ibid.*), o termo foi materializado pela primeira vez numa carta a Ulrichs (pioneiro do movimento homossexual moderno) e buscava-se que a palavra fosse um termo neutro, aplicado a homens e a mulheres.

De volta a Foucault ([1976] 2015), este argumenta, no percurso que faz pela história da sexualidade, que em termos de liberação em relação às sexualidades, até o início do século XVII havia mais anuência no que concernia às práticas sexuais e aos discursos sobre o sexo. Entretanto, a partir desse período, e com acentuação durante a era vitoriana no século XIX, a sexualidade foi restringida ao espaço privado, e o sexo, à função reprodutiva. O regramento a respeito do sexo passou a ser ditado pela família conjugal homem-e-mulher, e comportamentos que fugissem ao padrão matrimonial eram classificados como anormais. Diz o autor:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. [...] Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões. (Foucault, [1976] 2015, p. 8)



Apesar da repressão, Foucault (ibid.) afirma que no século XVIII irromperam discursos sobre o sexo, movidos pela própria necessidade de regular e controlar as práticas sexuais.⁹ Se era preciso determinar o que era “adequado”, “normal” em relação ao sexo – e, acrescentamos, às sexualidades –, era preciso falar dele. Para tentar controlar os discursos sobre o sexo, campos como os da medicina, da demografia e da moral passaram, então, a figurar como instituições reguladoras.

Ainda na esteira de Foucault ([1976] 2015), nos séculos XIX e XX, a regulação se intensificou com a criação, como vimos, de categorias como a da homossexualidade, que passou a ser vista como uma “perversão” fora da norma sexual burguesa. As práticas sexuais passaram a ser analisadas e classificadas por disciplinas como a psiquiatria e a justiça penal, com novos mecanismos de controle.¹⁰

Portanto, é justamente no século XIX que o homossexual é (re)significado como um sujeito outro, cuja sexualidade torna-se central para sua definição. Segundo Quinalha (2022, p. 44), a construção identitária da homossexualidade nesse período vale-se de “antigas relações sociais” para ressignificá-las a partir de uma nova organização possível por meio do desenvolvimento do capitalismo industrial. Isso implica numa ‘novidade’, que vai, por um lado,

⁹ Foucault (ibid.) diz que era preciso estruturar e gerenciar o sexo dentro dos sistemas econômicos e sociais emergentes à época. A normatização acerca do sexo e da sexualidade e, por extensão, do sujeito, portanto, era sobredeterminada pelas condições de produção.

¹⁰ Não nos debruçaremos mais detalhadamente sobre este tópico aqui. Porém, é importante marcar, conforme desenvolvido em Zanella (2017, p. 18), que “as discursividades em relação às normas da(s) sexualidade(s) até os nossos dias são ainda investidas por muitos desses sentidos. Há algo da ordem do privado, do (quase) escondido, do matrimônio e do matrimonial, do pudor, do recolhimento e, muitas vezes, daquilo que não é dito ou que não pode ser dito, isto é, daquilo que é silenciado, que comparece enquanto memória sobre o sexo”.



permitir que o desejo homoafetivo desponte mais visivelmente e, por outro, que siga sendo alvo de punição, mais médica que religiosa, nesse momento¹¹. De volta a Foucault ([1976] 2015, p. 47-48, negritos nossos):

O homossexual [...] torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. **Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade.**

O que escapa, entretanto, é que, para além desses discursos sobre o/a homossexual, há de se considerar o que esses sujeitos têm a dizer sobre si. E é isso que as cartas oitocentistas nos permitem ler.

O SÉCULO XIX E A HOMOSSEXUALIDADE

Pêcheux ([1982] 2010) estabelece como a materialidade da língua reclama que se observe a discursividade no gesto de leitura do arquivo. De modo que debruçarmo-nos sobre cartas do século XIX configura um trabalho de análise que pensa esse arquivo de língua no que ele diz do sujeito, com sua historicidade e, justamente por isso, com sua contradição constitutiva.

O sujeito homossexual historicamente figurou como um ponto de curiosidade sobre o qual *se falava*. Ser dito antes de dizer. Por outro lado, o encontro com as cartas do século XIX abrem veredas de dizeres outros. Como os sentidos circulam nessas cartas é o que nos interessa investigar.

¹¹ Quinalha (2022, p. 46) diz que as últimas décadas do século XIX tornam-se cruciais para o campo de disputas a respeito dos sentidos médicos da/para a homossexualidade: “De alguma maneira, o tiro da patologização sai também pela culatra, já que deslocou o debate do campo moral e jurídico para o científico. Se a lei era a fonte de criminalização, baseada na suposição de que os atos homossexuais eram antinaturais, a defesa da naturalidade desses comportamentos por médicos compromete a validade da própria legislação.”



Falar de um arquivo em que circulam sentidos de homoafetividade implica levantar como determinadas materialidades dão a saber da história da homossexualidade:

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectção (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado [...]; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e seu projeto, simplesmente não há saber. (Auroux, [1992] 2009, p. 12, **negritos nossos**)

Ora, se o termo “homossexualidade” emerge apenas no século XIX, antes disso o desejo entre pessoas do mesmo sexo não tinha nome, apesar das várias tentativas de aprisionamento dos sentidos e das sexualidades. Entretanto,

[...] com a fundação do nome – *homossexual* –, mudam-se as relações, cria-se uma categoria, constrói-se um saber: o homossexual passa a ser matéria de arquivo. Com o nome, a condenação dos sujeitos, que era a tônica do século XIX até então, passa a ser atenuada (o que não significa que não tenha havido outros mecanismos de controle e vigilância da sexualidade). (Zanella, 2020a, p. 129)

Isso nos leva a considerar que o que se sabe a respeito das homossexualidades hoje não é sem o saber anterior. E, nesse sentido, o século XIX é fecundo porque muito do que se sabe das homossexualidades é fruto de encruzilhadas de saberes do século XIX. Consoante Robb (2012, p. 12, tradução nossa), “A conduta pública em relação a homens e mulheres



gays mudou muito, mas as ideias privadas acerca da homossexualidade são muito parecidas às de 200 anos atrás.”

Se, por um lado, o século XIX para os homossexuais foi um século perverso, com prisões, condenações, tratamentos curativos etc., por outro, também o século XIX trouxe uma questão central: o desejo de se entender a homossexualidade. O que isso abre como espaço de questionamento é medular: com o desejo de pensar as sexualidades, fundam-se disciplinas, narrativas... e mantém-se o desejo.

No que concerne ao campo do *ser dito pelo outro*, uma das discursividades do século XIX a respeito das homossexualidades criava uma narrativa de que as cidades criavam ‘pervertidos sexuais’. “Nova York, Londres, Paris e Berlim eram os raios e centelhas que destruíram Sodoma e Gomorra” (Robb, 2012, p. 20). Com Robb (*ibid.*), entende-se que uma das fontes de arquivo mais valiosas sobre o passado das homossexualidades tem a ver com leis, registros dos julgamentos e estatísticas criminais que permeavam os casos de ‘captura’ e ‘castigo’. Tais documentos contribuem de modo significativo para se compreender a homossexualidade, porque descortinam como, no século XIX, por exemplo, homens e mulheres homossexuais eram agrupados com os dementes e os criminosos, e a psiquiatria, por sua vez, associava a homossexualidade com a pedofilia e os assassinos sexuais.

Como a lei se preocupava apenas com os feitos, e não com os desejos, a história dos/das homossexuais foi resumida diversas vezes como sodomia e prostituição. As lésbicas quase não comparecem nos registros das cortes, embora os atos sexuais entre mulheres tenha sido crime em vários países. Mas as leis quase nunca se aplicavam pelo ato entre duas mulheres; a maioria dos casos de penalização se davam por “enganação” – não se tratava, pois, de



homossexualidade, mas de uma “prática falsa” – ou, em um caso específico, pelo uso de um dildo por duas monjas. A lesbianidade, porém, só cabia no lugar de silêncio: não podia ser nem ao menos reconhecida.

Ainda na esteira de Robb (2012), um ponto importante a salientar é que é no século XIX que as leis contra atos homossexuais são produzidas¹². No entanto, as mudanças legais afetaram muito pouco as relações homossexuais: a condenação da igreja já existia, e a condenação jurídica, que era a novidade, não alterava muito a condenação religiosa. O aparelho jurídico, então, não produziu necessariamente mais condenações do que antes; mas acentuou a homofobia, que iria se espalhar ao longo do século XX (e, acrescemos, do século XXI).

Antes do fim do século XIX, atos homossexuais entre adultos, com consentimento de ambos, deixaram de ser proibidos na Bélgica, Itália, Luxemburgo, Mônaco, Portugal e Romênia. No Brasil, a sodomia foi eliminada do código penal em 1830. Mas não é porque não havia leis antissodomia que havia imunidade: os homossexuais podiam ser castigados sob leis de indecência pública, corrupção de menores e vadiagem. Por conta disso, não se pode ter muita noção de qual era a extensão da perseguição oficial.

O que essa historicidade nos mostra é que a emergência da homossexualidade como uma categoria vem a reboque de uma posição controladora da sexualidade; o homossexual torna-se uma personagem, como diz Foucault, mas, mais que isso, torna-se também objeto de estudo antropológico.

¹² Leis civis contra a sodomia já existiam desde o séc. XVI, mas o entendimento era distinto: um homem que fizesse sexo com uma ovelha, ou um homem que realizasse sexo anal com uma mulher, por exemplo, poderiam ser punidos por sodomia (Robb, 2012).



Em suma, tal como até os dias atuais, sujeitos homossexuais existiam na diversidade de seu desejo, ainda que assim não se (auto)denominassem. Embora o que tenha prevalecido historicamente tenha sido a ignorância e o silêncio sobre as homossexualidades, outras fontes de arquivo vão abrindo brechas para que outros dizeres aflorem, permitindo ter uma visão mais alegre sobre as homossexualidades no século XIX. Lejeune nos conta que, no século XIX,

se o amor é homossexual não se falará nunca dele. **Isso não quer dizer que a homossexualidade não tenha tido sua literatura pessoal, diários íntimos, correspondências.** Nem que ele não tenha podido se exprimir à meia luz da poesia lírica. (*apud* Souza, 1997, p. 61, negritos nossos)

No arquivo sobre o qual nos debruçamos nessa pesquisa, destacam-se trocas epistolares oitocentistas que produzem efeitos de sentidos de homoafetividade. Tais efeitos de sentidos, os quais se repetem em cartas distintas, como veremos mais adiante, vão revelando outras redes de sentidos que resistem às injunções médica, jurídica e religiosa a respeito das sexualidades porque escapam à matriz de sentido que determinava o que seria uma sexualidade ‘correta’, ‘saudável’, ‘legal’, ‘sagrada’. Todos esses sentidos concorrem enquanto funcionamentos discursivos em uma formação discursiva determinante dessa matriz de sentido. O que nos interessa, portanto, é investigar a incompletude dos saberes a respeito das homossexualidades no século XIX. Investigar a falha no ritual apenas aparentemente estável para reencontrá-lo como lugar do possível. Nas palavras de Orlandi (2012, p. 77): “Por isso a deriva, o deslizamento, o que escorrega. E vira outro.”



O ARQUIVO, AS CARTAS

A fim de contrapor os vastos registros de julgamentos e de classificações médicas sobre a homossexualidade no século XIX, encontramos nas cartas outras discursividades sobre amores homossexuais.

Antes de tudo, é preciso considerar que as cartas colocam em questão duas noções: a de público e de privado. A partir do caminho teórico de Souza, entendemos essas noções como planos de enunciação: modos de “produção de enunciados que tornam possível o ato de referência de si” (1997, p. 11). As cartas produzem sentidos confessionais e confidenciais, no jogo próprio do que está dentro e do que está fora (da correspondência). Entendemos ‘carta’, portanto, também como ‘*lettre*’, isto é, letra de si, escritura de si.¹³

Algumas perguntas nos guiam pelo caminho das análises: a) que sentidos circulam sobre os sujeitos homossexuais e como eles se subjetivam enquanto tais?; b) comparece o discurso médico-científico?; c) se a homossexualidade era então algo da ordem do proibido em tantas instâncias, as cartas seriam fendas nessa proibição, onde o sujeito pode se manifestar, ainda que no âmbito do privado?

É novamente Souza (1997, p. 15) quem nos dá um caminho possível: “a questão é compreender como os indivíduos são feitos ou inventam formas de se tornarem sujeitos de sua sexualidade”. Passemos, portanto, à

¹³ Uma reflexão germinal a respeito disso encontra-se publicada por Zanella (*in* Medeiros *et al.*, 2020b).



análise de algumas sequências discursivas¹⁴ (SD) que tocam na questão do amor homoafetivo.

A primeira SD é extraída de uma carta de Álvares de Azevedo a Luís Antônio da Silva Nunes¹⁵, datada de 1º de março de 1850:

SD1: não iras pois a S. Paulo comigo. [...] **era-me o consolo, esperança [...] viver lá contigo.**

Luís, há ahi não sei quê no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. Será mentira [...] ou um pressentimento [...] verdadeiro [...]

[...] Adeus, **meu Luís.** A belleza do espiritualismo é o amor das almas, essa afinação que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam à matéria não tacteiam mais o objecto que se ama. Adeus. **Assim como eu te amo, ama-me.** [...]

O teu amigo:

Azevedo (Azevedo, 1976, p. 146, negritos nossos)

Em SD1, as palavras de Álvares de Azevedo endereçadas a Luís Antônio produzem efeitos de sentido de insatisfação; Azevedo mostra-se aborrecido pela ausência (projetada) de Luís no deslocamento que terá a São Paulo. Há uma indicação de que este fato, inclusive, pressagia o fim da relação dos dois. O tom de despedida, porém, não ocorre sem uma (re)afirmação amorosa, indicando haver beleza mesmo nesse momento. Sinaliza-se, pois, o atravessamento dos valores do Romantismo no texto, vigentes à época da escritura da carta.

¹⁴ O funcionamento das sequências discursivas nos permite observar como os sentidos são produzidos, estabilizados ou deslocados em um texto ou prática discursiva. Elas nos ajudam a compreender que o discurso não é apenas um reflexo das intenções do sujeito (como ele supõe), mas o resultado de uma dinâmica histórica e ideológica.

¹⁵ Álvares de Azevedo e Luís Antônio da Silva Nunes se conheceram no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro e, anos depois, residiram em São Paulo. Luís era considerado o melhor amigo de Azevedo.



No âmbito privado de circulação da carta de Azevedo a Luís, a confiança amorosa se dá de forma aberta: os sentidos de melancolia pelo afastamento do ser amado se materializam, bem como se nota, no uso dos pronomes possessivos em “meu Luís” e “O teu amigo”, que Azevedo e Luís estavam intimamente envolvidos. Vale ainda ressaltar que o uso do termo “amigo”, no século XIX, produzia efeitos de sentidos outros para além do sentido estabilizado mais conhecido; pela moral vigente à época, que operava pelo silenciamento em relação às relações homossexuais, “amigo” podia significar, também, alguém com quem se tinha uma relação amorosa, sem transgredir publicamente quaisquer normas sociais. Ademais, pelos efeitos de sentidos globais de SD1 – tais como: *viver lá contigo, findo entre nós, ainda na separação, objecto que se ama, assim como eu te amo, ama-me* – compreendemos tratar-se de uma relação que excede os limites da mera amizade.

As SDs a seguir foram retiradas de cartas enviadas por Lord Byron. Em SD2, lemos, em texto endereçado a John Edleston, corista na capela do Trinity College, em Cambridge, com quem Byron se relacionava intimamente:

SD2: Maio, 1807

D–R–T [DeaRest? (Querido?)] — Por que não? **Com este beijo, faça-me seu de novo para sempre.**

Byron (Norton, 1998, tradução nossa, negritos nossos)

A confiança amorosa se produz de maneira bastante manifesta neste texto breve; do que se dá a ler, podemos compreender, pela declaração do beijo ‘epistolar’, pelo uso da locução adverbial de tempo – “de novo” – e pelo uso do pronome possessivo, que os dois têm uma relação profunda, duradoura. No plano de enunciação privado, dizer desse relacionamento não só é possível, como também é reforçado.



Segundo Norton (1998), o romance de Lord Byron e John Edleston prosseguiu às escondidas até 1809, quando Byron deixou a Inglaterra às pressas pelo receio de que seus casos amorosos viessem à tona. Depois disso, há um hiato entre os dois. Quatro anos mais tarde, em 1811, Byron escreve, em carta endereçada a Francis Hodgson, sobre a morte de John Edleston:

SD3: Newstead Abbey

10 de outubro de 1811

Soube de uma morte [...] que me chocou mais do que todas as anteriores, de **alguém que amei mais do que jamais amei um ser vivo, e alguém que acredito ter me amado até o fim** [...]; ainda assim, isso pesa em meu coração e traz de volta o que desejo esquecer [...]. (Norton, 1998, tradução nossa, negritos nossos).

Nota-se, em SD3, que a morte de seu ex-companheiro afetou Lord Byron profundamente. Há a manifestação do amor que sentia. No entanto, os sentidos produzidos aqui trazem uma indeterminação do objeto de seu amor; os termos usados por Byron recaem no uso do pronome indefinido “alguém” duas vezes – “alguém que amei”; “alguém que acredito ter me amado” – e no uso da locução substantiva “ser vivo”.¹⁶ Interpretamos esse gesto como uma tentativa de proteção, considerando-se as circunstâncias pelas quais Byron havia deixado a Inglaterra, algo que reforça a tensão que se inscrevia entre o privado (das cartas) e o público.

¹⁶ No original, usa-se: no lugar de “alguém”, “one”; no lugar de “ser vivo”, “*living thing*”. Ambas as expressões também indeterminam de quem se fala.



Abaixo, seguimos com SDs de carta trocada entre o escritor Walt Whitman e Peter Doyle, um irlandês naturalizado estadunidense que trabalhava como condutor de bondes¹⁷:

SD4: Brooklyn, NY, sábado à tarde, 21 de agosto de 1869

Querido Pete,

Tenho estado muito doente nos últimos três dias – não sei como defini-lo – deixa-me prostrado e demasiadamente fraco [...]. **Tenho pensado em você, meu querido rapaz, a maior parte do tempo.** (Whitman, 1869, tradução nossa, negritos nossos).

SD5: E agora, querido Pete, quanto a você. Como você está, meu querido rapaz – e há alguma coisa diferente no rosto? **Querido Pete, você deve me perdoar por estar tão frio no último dia e noite.** Eu estava indescritivelmente chocada e repugnada por aquela conversa e por sua proposta – você sabe do que falo – lá na fonte. **Pareceu-me**, na verdade [...], **que aquele que eu amava, e que sempre houvera sido tão viril e sensato, se fora, e um tolo e suicida intencional estava em seu lugar.** Falei com tanta severidade e incisão. (Embora eu veja agora que minhas palavras parecem ter tido algum outro sentido, com o qual eu sequer sonhei – **insultar você, nunca nem por um momento em meus pensamentos.**)

[...] **Queridíssimo** rapaz, não tenho a menor dúvida de que você ficará bem e inteiramente recuperado – e um dia voltaremos a olhar para esses obstáculos e sofrimentos como coisas passadas. [...]

Meu querido, se você não estiver bem quando eu voltar, vou conseguir um bom quarto, ou dois, em algum lugar calmo, e vamos viver juntos e nos dedicar totalmente ao trabalho de curá-lo e torná-lo mais forte e saudável do que nunca. Já tinha tido isso em mente antes, mas nunca o abordei contigo. [...] (Whitman, 1869, tradução nossa, negritos nossos)

¹⁷ Os dados biográficos sobre Peter Doyle estão disponíveis em: MURRAY, Martin G. *Pete the Great: A Biography of Peter Doyle*. The Walt Whitman Archive. Disponível em: <http://www.whitmanarchive.org>. Acesso em: 31 out. 2024.



SD6: Querido companheiro, penso em você com muita frequência. Meu amor por você é indestrutível e, desde aquela noite e manhã, voltou mais forte do que antes. Querido Pete, jovem querido, meu querido rapaz, meu jovem e amoroso irmão, não deixe que o diabo coloque tais pensamentos em sua mente novamente [...] Então, o que isso seria para a sua mãe? **O que seria para mim?...** Pete, envie-lhe algum dinheiro pelo Adams' Express: use-o, jovem querido, e quando acabar, terá mais, porque tenho o bastante. (Whitman, 1869, tradução nossa, negritos nossos)

Nas SDs 4, 5 e 6, lemos as declarações amorosas de Whitman para Peter Doyle; o escritor repete, nas SDs 4 e 6, que pensa com frequência em Peter. O adjetivo “querido” comparece 12 vezes nas SDs apresentadas (usada uma vez no grau superlativo absoluto sintético – “queridíssimo”, em SD5), produzindo um sentido de que, de fato, o rapaz era muito estimado por Whitman. A construção textual é permeada por sentidos de cuidado e preocupação em relação a Peter: Whitman desculpa-se por “estar frio” e por involuntariamente insultá-lo (SD5); pergunta-lhe a respeito de algo “diferente no rosto” (SD5); diz-lhe que, caso não esteja bem, irá viver com ele para que se recupere; reforça para Peter o amor “indestrutível” que sente por ele (SD6); avisa-lhe sobre o envio de dinheiro para que se ampare. Esses sentidos que circulam na carta tecem um lugar de confiança, de possibilidade de dizer, no espaço íntimo, o quanto se ama e se deseja o outro.

Na despedida da mesma carta, lemos, ainda:

SD7: Escreverei de novo em breve... dê lembranças a Johnny Lee, meu querido rapaz. Eu o adoro verdadeiramente – (deixe-o ler estas três últimas linhas) – Querido Pete, lembre-se...
Walt (Whitman, 1869, tradução nossa)



Em SD7, que compreende a despedida, na carta, de Whitman a Peter Doyle, há um pedido entre parênteses: o de que Peter deixe Johnny Lee ler as “três últimas linhas”. Produz-se aqui o sentido de que, do que Whitman havia previamente escrito para Peter, tratava-se de algo da ordem do confidencial, do que não deveria extrapolar o destinatário a não ser naquele pequeno trecho final – uma tentativa de controle do sentido. Nesse sentido, observamos mais uma vez que o espaço privado das cartas possibilitava um lugar de dizer de si mais livre e afirmativo, no qual sentidos de amor podiam comparecer; porém, pelo que se destaca em SD7, não deviam extrapolar esse lugar.

Nosso último grupo de sequências discursivas é extraído de carta enviada pela poetisa estadunidense Emily Dickinson a Susan Gilbert¹⁸, tratada pelo apelido Susie:

SD8: 11 de junho, 1852

Sexta-feira à tarde:

Só tenho um pensamento, Susie, nesta tarde de junho, e é em você, e só tenho uma oração; querida Susie, essa é para você. Que você e eu, de mãos dadas, como fazemos no coração, pudéssemos vagar como crianças entre bosques e campos, e esquecer esses muitos anos e essas tristes preocupações, e cada uma se tornar uma criança novamente... gostaria que assim fosse, Susie, **e quando olho em volta e me encontro sozinha, suspiro de novo por você; um suspiro leve e um suspiro vão, que não trará você para casa.**

Preciso de você mais e mais, e o mundo grande se torna mais vasto, e as pessoas queridas cada vez menos, a cada dia em que você está longe... sinto falta do meu coração maior; o meu vaga por aí, e chama por Susie... (Dickinson, 1852, tradução nossa, negritos nossos)

¹⁸ Susan Gilbert era casada com Austin Dickinson, irmão mais velho de Emily Dickinson; era, portanto, cunhada de Emily.



Em SD8, os sentidos produzidos revolvem, analogamente aos encontrados na carta de Walt Whitman (SD4), em torno da falta da pessoa amada. Emily lança mão de figuras poéticas que evidenciam um lugar de fragilidade quando Susie está longe, como se apenas pela sua presença Emily pudesse estar ‘completa’, já que seu coração “vaga por aí” chamando por “Susie”. Esse jogo de presença e ausência do ser amado caracteriza, tal como na carta de Álvares de Azevedo (SD1), a exaltação do amor romântico. Vemos isso também na SD9:

SD9: [...] **meu coração está repleto de você** [Susie], ninguém menos que você está em meus pensamentos, **mas quando eu procuro dizer a você algo que não é para o mundo, as palavras me falham. Se você estivesse aqui... e Ah se você estivesse, minha Susie, não precisaríamos falar nada, nossos olhos sussurrariam por nós, e sua mão presa na minha, não pediríamos linguagem alguma...** eu tento te trazer para mais perto, percorro as semanas que faltam até que elas tenham passado completamente, e imagino que você veio, e eu estou a caminho por meio da estrada verde para encontrar você, e meu coração dispara tanto que dá muito trabalho fazê-lo voltar ao normal e aprender a ser paciente, até que a querida Susie venha. Três semanas... (Dickinson, 1852, tradução nossa, negritos nossos)

Na SD acima, eleva-se à potência máxima a representação amorosa da figura de Susie. Por ser cunhada de Emily, poderíamos considerar que os sentidos produzidos manifestassem um tipo de amor fraternal. No entanto, em SD9, Emily faz uma confidência: a de que há algo a ser dito para Susie que “não é para o mundo”, e nesse ponto “as palavras falham”. O silenciamento do dizer *para o mundo* expõe na carta algo exterior. Comparece, neste ponto,



um *implícito*, nos termos que Pêcheux ([1983] 2010, p. 52) define¹⁹: o de que há algo da ordem do impossível de ser dito naquelas condições de produção; algo da ordem do proibido, ou do não aceitável social ou moralmente, sentidos estes estabelecidos na memória do dizer. O jogo de presença e ausência se expande da figura de Susie para a própria (im)possibilidade do dizer, enlaçando no que se diz algo que é da ordem da subjetividade. As palavras falham, mas falam! Eis aí o ponto em que sujeito e sentido se constituem mutuamente, como nos diz Orlandi.

Mas, para além do interdito, as palavras de Emily resistem: no que as palavras falham, o afeto diz, ou melhor, produz sentidos: *os olhos sussurram sem pedir linguagem nenhuma...* Ao fim da carta, Emily arremata:

SD10: Agora, adeus, Susie, e Vinnie manda lembranças, e a mãe também, **e eu adiciono um beijo, timidamente, com receio de que haja alguém aí! Não deixe eles verem, está bem, Susie?** (Dickinson, 1852, tradução nossa)

Orlandi (2012, p. 213) diz que “nos processos discursivos há sempre ‘furos’, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/ vestígios para compreender os pontos de resistência”. Ora, o beijo tímido incluído ao fim da carta marca um novo ponto em que o sujeito resiste: há o receio de que alguém veja, mas é o desejo que se marca. Além disso, o pedido final, de que não se deixe “eles” verem a carta, se desfia quando o texto é tornado público, fazendo-se novamente resistência: no plano do privado, é importante que não vejam porque é preciso proteger-se da

¹⁹ A respeito dos implícitos, Pêcheux ([1983] 2010, p. 52) estabelece que, “mais tecnicamente, [os implícitos são] os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.”



condenação pública; já no plano do público, o dizer torna-se confissão de afetos não-sabidos do século XIX.

CONCLUSÃO

Como sabemos a partir de Orlandi (2004, p. 29), “É pelas condições de produção que o sujeito formula seu dizer, sua vida, seus sentidos, seus sentimentos.” Gostaríamos de acrescentar a isso que o sujeito, uma vez que é guiado pelo desejo, encontra brechas para dizer de si, ainda que as condições de produção impossibilitem algumas formulações.

O que nas cartas somos dados a ler é que há uma dimensão, no privado, que abre veredas para a afirmação da homoafetividade. Se não era possível dizer de si e do seu desejo publicamente – porque isso era expor-se à condenação –, ao sujeito homoafetivo cabia o espaço do privado. E, pelo que vimos nas análises conduzidas, o privado constituía um espaço de ‘imunidade’ à reprovação pública. O que se confia nas cartas no que toca à questão da homossexualidade é de uma ordem diferente da formação discursiva médico-jurídico-religiosa que embasava os discursos sobre os sujeitos homossexuais. Mas isso só é dado a saber quando – e se – as cartas são tornadas públicas. Trata-se, como diz Souza, de um “pacto confidencial” que se estabelece nas trocas epistolares.

Porque tornadas públicas muitos anos depois, não raras vezes postumamente à morte dos remetentes, as confidências se tornam confissões, ainda que à revelia dos seus autores e autoras. Ainda de acordo com Souza (1997, p. 110), “Pela confidência constitui-se e mantém-se, pela confissão revela-se o segredo”. Isto é o que vemos no material analisado: as confidências nas cartas permitem ao sujeito *ser*, constituir-se enquanto sujeito homossexual;



as confissões posteriores, por sua vez, produzem feixes de luz outros acerca dos saberes sobre os sujeitos homossexuais no século XIX. Desse modo, as cartas permitem-nos, enfim, *mapear as ausências*²⁰ nos saberes sobre a homossexualidade.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. (1992) *A revolução tecnológica da gramatização*. trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 1 de março de 1850. In: _____, Cartas de Álvares de Azevedo. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976. P. 146.

COUTO, Mia. *O mapeador de ausências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DICKINSON, Emily. (1852). Correspondence with Susan Dickinson. *Dickinson Electronic Archives*. Disponível em: <https://archive.emilydickinson.org/working/hl2.htm>. Acesso em: 30 out. 2024.

FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. “Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício / In the history of a demonym the tension of inscribing the occupation.” *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i32.615>. Acesso em: 17 nov. 2024.

KOSKI, Lena. *Sexual Metaphors in Emily Dickinson’s Letters to Susan Gilbert*. *The Emily Dickinson Journal*, v. 5, n. 2, 1996, p. 26-31. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1353/edj.o.0159>. Acesso em: 30 out. 2024.

²⁰ Tomamos a expressão de Mia Couto (2021).



NORTON, Rictor. *My dear boy: gay love letters through the centuries*. São Francisco: Leyland, 1998.

ORLANDI, Eni P. (1988) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: _____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni P. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: PÊCHEUX, Michel. *et al. Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

ROBB, Graham. *Extraños: amores homosexuales en el siglo XIX*. Trad. Martí Soler. México: FCE, 2012.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

WHITMAN, Walt. (1869). *Dear Pete...* Disponível em: <https://poets.org/text/love-letter-peter-doyle-walt-whitman>. Acesso em: 30 out. 2024.



ZANELLA, Alexandre S. *Espaços atravessados: sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

ZANELLA, Alexandre S. “Homossexualidade” [verbete]. In: MEDEIROS, Vanise et al. *Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas, SP: Pontes, 2020a.

ZANELLA, Alexandre S. “Carta” [verbete]. In: MEDEIROS, Vanise et al. *Almanaque de fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas, SP: Pontes, 2020b.

Data de recebimento: 18/11/2024

Data de aprovação: 19/06/2025

